

## **DIVERSIDADE HUMANA: RELAÇÕES SOCIAIS NA ESCOLA**

**Autor<sup>1</sup> , JOSÉ ROBERTO DA SILVA JÚNIOR<sup>2</sup>**

**RESUMO** – O presente texto é parte das reflexões de uma pesquisa que analisou as formas das relações sociais em ambiente escolar. Aqui trazemos um recorte mais específico sobre as questões das diversidades humana e como as/os a compreendem, a experienciam e percebem nas relações que estabelecem no cotidiano de sua escola. Utilizamos as estratégias de estudo descritivos sob pesquisa em livros e artigos de caráter observacional bibliográfico e documental considerando uma análise epistemológica de estudos sobre a diversidade humana e as relações sociais na escola. Concluímos que a comunidade escolar tem diversas dificuldades em relacionar-se entre as várias diversidades humanas este artigo traz uma importante contribuição sobre os diversos olhares sobre a cerca dos corpos que então incluídos no ambiente escolar. Encontramos estudantes e a escola que, com diferentes culturas e inserções, têm enfrentado os desafios e questionado uma outra forma de ocupar os espaços dentro da escola e reivindicar o debate em torno das questões das relações sociais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Direitos Humanos; Sexualidade; Gênero e Diversidade Sexual.

---

<sup>1</sup> E-mail: jrjunior201082@gmail.com

<sup>2</sup> Cientista Social Licenciado pela Universidade Federal de Alagoas, Pós-Graduado em educação em direitos humanos, diversidade e questões étnico-sociais ou raciais, Ciência da Religião, presidente do conselho municipal da Cidadania e Direitos LGBT de Maceió.

## 1. INTRODUÇÃO

Na atualidade, a relação das diversidades tem ocupado um lugar de visibilidade. Segundo, Anete Abramowicz, Rodrigues Cruz (2011) diz que a escola é um reflexo da discussão heterogeneidade do processo culturais da sociedade atual, é relacionada a oposto do modelo de estado-nação moderno, liberal e ocidental frequentemente presente em boa parte do mundo. A utilização do termo diversidade e diferente e de forma indiscriminada, a ascensão da diversidade é um dos efeitos das lutas sociais provocada pelos movimentos sociais, trazendo as discussões e olhares teóricos que se ocupam dessa temática. Essas distintas perspectivas teóricas atribuem diferentes significados e possibilidades à ideia de diversidade e diferença.

Segundo o Dicionário Aurélio, O termo diversidade, vem da palavra “diversitate”, de origem latina, e significa: diferente. No decorrer da história a “diferença” foi vista como algo divergente, inverso, desfavorável e/ou aviltante. Muito da justificação da prática social do preconceito e da discriminação encontra seu acento nessa visão distorcida em relação à pessoa “Diferente”. Todavia na contemporaneidade o termo “diversidade” e/ou “diferença” assume um aspecto positivo, como luta em favor dos direitos de pessoas e/ou setores excluídos, marginalizados socialmente.

A discussão sobre diversidade está ligada heterogeneidade de culturas que limita a sociedade atual, contrapondo ao Estado. A participação política de determinados grupos definidos a partir de uma identidade cultural em comum é o aspecto mais controverso desses movimentos e também o mais difícil de ser equacionado.

A diversidade humana está presente desde o início da humanidade, porém no final do século 20 se dá conta desta especificidade, entendendo que o ser humano não tem especificidades ou expressões iguais. Neste cenário, a comunidade escolar é composta por estudantes de variados grupos sociais, político-econômico, étnicos e religiosos. A escola apresenta dificuldades para o entendimento da diversidade humana, devido à cultura conservadores e práticas pontuadas em agir nas formas pedagógicas

acreditando em um processo de aprendizado homogeneizado, desconsiderando, a diversidade, ou seja, as diferenças.

Segundo Carvalho (2002, p. 70),

“Pensar em respostas educativas da escola é pensar em sua responsabilidade para garantir o processo de aprendizagem para todos os alunos, respeitando-os em suas múltiplas diferenças.”

Corroborando com Carvalho, Araújo (1998, p.44) diz:

“[...] a escola precisa abandonar um modelo no qual se esperam alunos homogêneos, tratando como iguais os diferentes, e incorporar uma concepção que considere a diversidade tanto no âmbito do trabalho com os conteúdos escolares quanto no das relações interpessoais.”

Segundo, Amaral (1998), a educação é necessária para prestar serviço à comunidade, entendendo a característica do estudante dentro do ambiente escolar, para ele a escola como processo de ensino e aprendizagem precisa adequar-se ao estudante e não o estudante a escola.

Ressalto que o objetivo não é transformar o ambiente da escola em um serviço de assistencialismo busca-se o exercício de cidadania, a escola é um agente construtor da realidade social, enfatizo que toda das pessoas tem o direito de emancipação humana, a escola em conjunto com seu quadro funcional deve buscar meios para incluir seus estudantes, promovendo espaços livres de discriminação social, de gênero, étnico ou sexual.

A escola tem o papel de promover ação-reflexão-ação, levando a condução de novas práticas dentro do meio escolar, a escola tem o papel de formar cidadão para comunicar-se com o mundo, sendo a diversidade um reflexo da formação da nossa sociedade.

Segundo Simmel Goffman, numa interação, o indivíduo influencia e é influenciado por outro, ocorrendo uma troca dentre indivíduos, O que caracteriza a unidade que se forma desta relação - a sociedade - e a distingue de um mero agregado de indivíduos, é o princípio da reciprocidade de efeitos entre as ações individuais. A reciprocidade é um elemento fundamental na teoria Goffman, pois ela é o que mantém as interações e, conseqüentemente, a existência da própria sociedade. A reciprocidade é anterior à interação para o indivíduo, uma vez que ela é constitutiva da ordem social. Portanto, para Simmel,

a unidade básica de relação social é a interação, sempre orientada e sustentada pela reciprocidade.

A escola ocupa espaço importante no processo de educação e socialização. A escola representa um espaço oportuno para reflexão, discussão e promoção da diversidade, inclusão de pessoas. Por isso, a luta e o esforço de inúmeros pensadores, educadores e políticos na construção de uma escola para todos, aberta a diversidade.

No início dos anos 90 trouxe um novo olhar ampliado para as reformulações estruturais e educacionais, proposta por organismo internacional e características de um discurso de uma educação para todas as pessoas. (FEREIRA, 2006, p.91)

A declaração de Salamanca aparece no cenário da educação brasileira como um dos documentos como referência ao um novo olhar no processo reflexões, discussões e adotando uma política inovadora para a educação pública de apoio à inclusão. (BRASIL, 1994)

Ao final da década, após a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996), observa-se no Brasil um momento de ampliação da presença da diversidade nos diferentes espaços escolares. A partir daí o conceito da inclusão vem ao longo dos anos se consolidando, ou seja, buscando instituir nos ambientes educacionais a não exclusão escolar dos deficientes, através de ações que garantam o acesso e permanência do aluno com deficiência no ensino regular.

Para tanto vale considerar o que indica Imbernón:

A diversidade que a educação pretende atender não pode ser estabelecida em termos abstratos, mas ao contrário, deve ser vinculada a uma análise da realidade social atual e deve abranger todo o âmbito macrossocial quanto microssocial. [...] ...é preciso considerar a diversidade como um projeto socioeducativo e cultural enquadrado em um determinado contexto, e entre as características desse projeto necessariamente devem figurar, a participação e a autonomia. (IMBERNÓN, 2000, p.86-87).

A aceitação da diversidade sendo incluída no ambiente escolar vem cobrar do dialogo educacional respostas pedagógicas na educação, incentivando um espaço de integração, respeitando a transversalidade e a pluralidade de uma sociedade socializante e democrática. (RENDO & VEGA, 2009)

O desafio da escola é promover caminhos de integralidade, como estratégias que se distanciem de um modelo de escolar vigente, que classificar e excluir.

Constatamos, assim, uma escola desenhada para promover a homogeneidade e negar a diversidade inerente à pessoa humana. Uma escola que, embora se expandindo por meio de um processo de universalização do ensino, contribui ainda para a manutenção da exclusão por dentro de seus muros, por meio de metodologias descontextualizadas e descompassadas, programações lineares, temporalidade inflexível e categorias como de sucesso e insucesso, normalidade e anormalidade, atraso e fracasso escolar. (ALMEIDA, p. 2012, 151)

A discussão sobre a organização da escola para atender a diversidade e inclusão de todos os estudantes, recobre de especial importância a discussão sobre o currículo escolar adotado e/ou formulados pelas escolas. Tendo em vista que não adianta o governo, o contexto educacional e/ou organismos sociais trabalharem, lutarem para a adoção de uma escola diversa e inclusiva, e o currículo não favorecer esse caminho:

Um currículo estanque, aplicado de maneira rígida, sem a necessária reflexão, resulta obviamente num potente recurso de exclusão social, pois não permite espaço para discussões que levem a adaptações curriculares, necessárias para o atendimento à diversidade, presente na sala de aula. Infelizmente, o currículo ainda tem sido entendido e aplicado de acordo com a perspectiva de que o ensino regular possui um padrão de exigências de aprendizagem, que todo aluno deve aprender, a fim de obter sucesso na escola. Esta visão encontra-se arraigada no fato de que há áreas de 422 conhecimento ou conteúdos pré-determinados, que, se aprendidos com eficácia, resultam em uma formação plena para a vida. (JUNG, 2012, p. 05).

Quando dialogamos sobre diversidade na educação ressaltamos a ideia contribuir com a oportunidade a todos os estudantes de acesso e permanência na escola, com o senso de igualdades de condições, e respeito múltiplo. Ao falamos sobre as diversas diferenças ou diversidade, não estamos relacionando apenas às minorias, ou a pessoas com algum cuidado especial. É importante deixamos claro que, dialogo e ampla, somos iguais, porém com especificidades diferentes. Tal fato trata-se de denominar como diversidade as diferentes condições e as relações discriminatórias e excludentes presentes em nossas escolas e que compõem os diversos grupos sociais.

Este pensamento é corroborado pelo Conselho Nacional de Educação no seu Parecer n. 017/2001, quando reconhece que,

“A consciência do direito de constituir uma identidade própria e do reconhecimento da identidade do outro se traduz no direito à igualdade e no respeito às diferenças, assegurando oportunidades diferenciadas (equidade), tantas quantas forem necessárias, com vistas à busca da igualdade. O princípio da equidade reconhece a diferença e a necessidade de haver condições diferenciadas para o processo educacional.” (BRASIL, 200, p.11)

Segundo Foucault ao fazer uma análise histórica e inovadora viu no exército, nas fábricas, nas prisões, nos asilos e nas escolas da Idade Moderna atitudes de doutrinação do corpo e da mente do sujeito, surgindo então à concepção do homem como um objeto, capaz de ser moldado, dando às instituições a possibilidade de modificá-lo. Para Foucault, o corpo, nas instituições sociais, é visto como um objeto, capaz de ser dominado, “doutrinado” por meio de normas e punições, para que assim todos cumpram suas tarefas como “bons cidadãos” evitando burlar as normas estabelecidas pelo Poder.

É um mecanismo de poder que permite extrair dos corpos tempo e trabalho, mais do que bens e riqueza. É um tipo de poder que se exerce continuamente por vigilância e não de forma descontínua por sistemas de tributos e de obrigações crônicas. (FOUCAULT, 1999, p. 42)

A escola precisa refletir, diante das observações cotidianas, percebemos como em nossas práticas pedagógicas estão enraizados em um sistema patriarcal e quase que fechado, a normatividade tem excluído estudantes e lhe tirando a oportunidade de reescrever suas histórias, é dentro da escola que as relações se complementam de modo a formar pessoas diversas.

## **2. DESENVOLVIMENTO**

O conceito de poder é central dentro da obra de Michel Foucault. Para o autor, o poder não é algo que se possa possuir. Portanto, não existe em nenhuma sociedade divisão entre os que têm e os que não têm poder. Pode-se dizer que poder se exerce ou se pratica. O poder, segundo Foucault, não existe. O que há são relações, práticas de poder. Utilizado a genealogia do sistema, Foucault chega à conclusão de que a instauração da sociedade moderna supôs

uma transformação na consagração de novos instrumentos pelos quais pode-se canalizar o poder. (FOUCAULT, 1979).

Segundo Butler o conceito de gênero como culturalmente construído, distinto do de sexo, como naturalmente adquirido, formaram o par sobre o qual as teorias feministas inicialmente se basearam para defender perspectivas “desnaturalizadoras” sob as quais se dava, no senso comum, a associação do feminino com fragilidade ou submissão, e que até hoje servem para justificar preconceitos. O principal embate de Butler foi com a premissa na qual se origina a distinção sexo/gênero: sexo é natural e gênero é construído. O que Butler afirmou foi que, “nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino” (p. 26). Para a contestação dessas características ditas naturalmente femininas, o par sexo/gênero serviu às teorias feministas até meados da década de 1980, quando começou a ser questionado. (BUTLER, 2003)

Para Goffman, o estigma tem toda uma história de significados, os quais vieram sendo modificados e utilizados ao decorrer dos séculos como um recurso para designar o papel social que o indivíduo exercia na sociedade. Hoje, não difere muito da perspectiva de séculos anteriores, continuamos construindo a identidade social daqueles que nos cercam a partir de representações que temos e dos preconceitos que possuímos. Acabamos exigindo e esperando que o indivíduo atinja as nossas expectativas, ocasionando uma diferenciação entre a identidade social real dos sujeitos e as identidades virtuais que criamos. (GOFFMAN, 1988)

Para Gilberto Velho sobre projeto, campo de possibilidades, negociação da realidade e metamorfose, bem como as noções de carreira, com especial enfoque no interacionismo de Everett Hughes. Com a análise dos entrelaçamentos conceituais expostos, avançamos na discussão teórica dos estudos de carreira apresentando: como o campo de possibilidades se relaciona com os aspectos objetivos e subjetivos de uma carreira; como os conceitos de negociação da realidade e metamorfose permitem analisar conflitos e dilemas que emergem do sujeito que transita por diferentes mundos; como a noção de projeto pode ser vinculada à recursividade entre indivíduo, grupo e instituição; e como a memória pode ser utilizada como conceito de dinamismo temporal para a compreensão da carreira. Destas conjugações, propomos uma nova noção de carreira. (VELHO, 2003).

<b>AUTORES</b>	<b>TÍTULOS/OBRAS CLÁSSICAS</b>	<b>ANO</b>
FOUCAULT, Michel	Microfísica do poder	1979
BUTLER, Judith.	Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.	2003
GOFFMAN, Erving.	Estigma	1988
VELHO, Gilberto	Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas	1994
BORDIEU, Pierre	A reprodução	1992

### **3. CONCLUSÃO**

Para Foucault, o corpo, nas instituições sociais, é visto como um objeto, capaz de ser dominado, “doutrinado” por meio de normas e punições, para que assim todos cumpram suas tarefas como “bons cidadãos” evitando burlar as normas estabelecidas pelo Poder. A escola precisa refletir, diante das observações cotidiano, percebemos como em nossas práticas pedagógicas estão enraizados em um sistema patriarcal e quase que fechado, a normatividade tem excluído estudantes e lhe tirando a oportunidade de reescrever suas histórias, é dentro da escola que as relações se complementam de modo a formar pessoas diversas.

A escola precisa refletir, diante das observações cotidiano, percebemos como em nossas práticas pedagógicas estão enraizados em um sistema patriarcal e quase que fechado, a normatividade tem excluído estudantes e lhe tirando a oportunidade de reescrever suas histórias, é dentro da escola que as relações se complementam de modo a formar pessoas diversas.



#### 4. REFERÊNCIAS

- GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC. 2008.
- SIMMEL, Georg. "How is Society Possible?" 1908a. In: DONALD, Levine (org). **On individuality and social forms**. Chicago: The University of Chicago Press. 1971
- VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Ed. Zahar. 1994
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1977
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- BORDIEU, Pierre. **A reprodução**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
- FERREIRA, J.R. **Educação especial, inclusão e política educacional: notas brasileiras**. In: *Inclusão E Educação - Doze Olhares Sobre a Educação Inclusiva*. David Rodrigues (org.). São Paulo. Editora Summus, 2006.
- ABRAMOWICZ, Anete; RODRIGUES, Tatiane Cosentino; CRUZ, Ana Cristina Juvenal da. **A diferença e a diversidade na educação**. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, 2011, n. 2. p. 85-97.
- CARVALHO, Rosita Edler. **Removendo Barreiras para a aprendizagem**. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2002. p. 70, 75, 106, 111, 120, 174.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: o minidicionário da Língua Portuguesa*. 6. ed. rev. atualiz. Curitiba: Positivo, 2004.
- AMARAL, L. A. *Do Olimpo ao Mundo dos Mortais*. São Paulo, Edmetec, 1988.
- BRASIL, Ministério da Justiça. **Declaração de Salamanca e Linhas de Ações sobre necessidades Educacionais Especiais**. Brasília: CORDE, 1994.
- BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.
- IMBERNÓN, J. ( Org. ). **A Educação no Século XXI: Os desafios do futuro imediato**. 2. ed. São Paulo: Artes Médicas, 2000.